# Origem da Pinhata

A origem da Pinhata não é precisa, uma vez que alguns associam a sua origem à cultura chinesa, outros não têm dúvidas de que surgiu no seio do México e, ainda, há quem julgue que pertença à tradição da Península Ibérica.

O povo chinês foi o primeiro a usar algo que se aproximava, na época, à forma de uma pinhata, como um elemento pertencente à celebração do Ano Novo e que marcava também o início da Primavera. Desenvolviam objetos que se assemelhavam à forma de vacas, búfalos e touros, revestidos de papel colorido e recheados de cinco tipos de sementes. O papel decorativo que cobrias as pinhatas era queimado, para que posteriormente guardassem as suas cinzas com o intuito de dar boa sorte ao novo ano.

Por outro lado, acredita-se que no século XIII, Marco Polo trouxe consigo a *piñata* quando regressou da China para Itália. Foi em Itália que adquiriu o seu nome atual, da palavra italiana *pignatta,* (pote de barro frágil), e desde então começou a ser recheada com joias ou doces, ao contrário das sementes que eram utilizadas na China. Desde então a tradição disseminou-se até Espanha, onde quebrar a pinhata, tornou-se um hábito no primeiro domingo da Quaresma.

Posteriormente, no início do século XVI, acredita-se que os missionários espanhóis levaram a pinhata para o México. Todavia, os missionários ficaram muito surpreendidos ao descobrir que os mexicanos já tinham uma tradição muito semelhante. Os astecas festejavam o aniversário de Huitzilopochtli, o seu Deus do Sol e da Guerra, colocando um cântaro de barro num poste no seu templo no fim do ano. O cântaro era enfeitado com penas coloridas e enchiam-no com pequenos tesouros. Em seguida, partiam o cântaro com um bastão e os tesouros que caíam eram oferecidos a Huitzilopochtli. A civilização Maia também tinha uma cerimonia idêntica em que participantes de olhos tapados batiam num cântaro de barro suspenso por uma corda.

A pinhata tradicional era um cântaro de barro revestido de papel colorido e em forma de estrela com sete pontas enfeitadas. Dizia-se que estas representavam os sete pecados capitais: avareza, gula, preguiça, orgulho, inveja, ira e luxúria.